

## GRUPO DE ESTUDOS AFRITUDES: UM ESPAÇO DE LEITURA, PESQUISA E DESENVOLVIMENTO DE PRÁTICAS SOBRE EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Marismênia Nogueira dos Santos<sup>1</sup>  
Maria Wiljânia de Souza<sup>2</sup>  
Rosangela Nogueira dos Santos Santana<sup>3</sup>

### RESUMO

Este trabalho se propôs a analisar as contribuições do grupo como um espaço de estudo, pesquisa e desenvolvimento de competências sobre a educação antirracista. O grupo de estudos Afritudes, caracteriza-se como um ambiente de leituras antirracistas com foco nas relações étnico-raciais e o aprofundamento destas nas práticas educativas, o qual tem como público-alvo os docentes da educação básica do município de Juazeiro do Norte e da rede estadual e municipal da cidade de Araripina, estado de Pernambuco. O artigo tem como objetivo discutir, consolidar e propagar a cultura e a educação antirracista através da leitura e debates de livros, filmes e vivências dos docentes que fazem parte do grupo que discutem esse tema, com intuito de formar continuamente profissionais comprometidos com a causa da educação antirracista nas escolas onde atuam, contribuindo para o enfrentamento do racismo estrutural no país. Como metodologia, ancorou-se na abordagem qualitativa. Da análise temática emergiram dois eixos de categoria: o grupo como espaço de aprendizagem compartilhada e prática colaborativa, com dimensões pessoal e experiências profissionais; e o grupo como processo de consolidação e construção das aprendizagens. Para tanto analisamos o grupo de estudos como locus privilegiado para o compartilhamento de saberes, produção de conhecimentos e construção de aprendizagens antirracistas afim de promover uma melhor orientação e atitudes contra o racismo que acontece diariamente nas escolas brasileiras e em outros espaços de convívio. Inicialmente, o grupo é formado por pessoas que se consideram pretas, para que a divisão de vivências, sentimentos e fortalecimento seja ainda mais fortalecido.

**Palavras-Chave:** Afritudes, Grupo de Estudos, Educação Antirracista, Racismo Estrutural.

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual do Ceará - UECE, Mestra em Educação pelo PPGE- UECE, MBA em Gestão Escolar pela Universidade de São Paulo - USP, Pedagoga pela Universidade Regional do Cariri – URCA, Orientadora Educacional do Município de Juazeiro do Norte – CE. [marismenia85@gmail.com](mailto:marismenia85@gmail.com)

<sup>2</sup> Licenciada em Geografia - FAFOPA, Graduada em Direito-FACISA e Pedagogia - FAFOPA. Especialização em Metodologia das Ciências Sociais Brasileiras -UNIFIA e Direito Penal e Criminologia-URCA. Professora da rede municipal de Araripina. Educadora de Apoio da Rede Estadual de Pernambuco. [janyzilda@hotmail.com](mailto:janyzilda@hotmail.com)

<sup>3</sup> Licenciada em Letras/ Português – Universidade do Vale do Acaraú - UVA, Especialista em Educação Infantil pela Faculdade de Juazeiro do Norte – FJN; Professora da Educação Infantil da rede privada de Juazeiro do Norte. [rosinhasantana3@gmail.com](mailto:rosinhasantana3@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Nossa participação neste debate se deve a duas razões principais: primeiro por sermos educadoras negras e ao longo dos anos na jornada escolar, como estudantes e professoras, vemos de perto acontecer o racismo estrutural, seja de aluno para aluno, ou professor para aluno, nos projetos escolares e nos currículos que seguem os conteúdos padrão de poder colonial eurocêntrico. E em segundo lugar por entendermos a importância de uma educação decolonial e antirracista, a partir de práticas educativas que respeitem as diferentes etnias e que busquem no trabalho cotidiano reconheçam a história dos ancestrais negros.

Seguindo essas duas razões principais fundamos um grupo de estudo intitulado Afritudes para leitura e estudo de obras que contemple a temática antirracista e possamos debater e planejar estratégias de ensino nas escolas em que trabalhamos. O grupo é composto por professores da educação básica da cidade de Juazeiro do Norte, Ceará e professores da cidade de Araripina Pernambuco.

Este artigo se propôs analisar as contribuições desse grupo como um espaço de estudo, pesquisa e desenvolvimento de competências sobre a educação antirracista. O grupo de estudos Afritudes, caracteriza-se como um ambiente de leituras antirracistas com foco nas relações étnico-raciais e o aprofundamento destas nas práticas educativas. O objetivo deste trabalho é discutir, consolidar e propagar a cultura e a educação antirracista através da leitura e debates de livros, filmes e vivências dos docentes que fazem parte do grupo que discutem esse tema, com intuito de formar continuamente profissionais comprometidos com a causa da educação antirracista nas escolas onde atuam, contribuindo para o enfrentamento do racismo estrutural no país.

Como metodologia, ancorou-se na abordagem qualitativa. Da análise temática emergiram dois eixos de categoria: o grupo como espaço de aprendizagem compartilhada e prática colaborativa, com dimensões pessoal e experiências profissionais; e o grupo como processo de consolidação e construção das aprendizagens.

Para tanto analisamos o grupo de estudos como locus privilegiado para o compartilhamento de saberes, produção de conhecimentos e construção de aprendizagens antirracistas afim de promover uma melhor orientação e atitudes contra o racismo que acontece diariamente nas escolas brasileiras e em outros espaços de convívio.

## **METODOLOGIA**

Como metodologia, ancorou-se na abordagem qualitativa. Utilizamos a pesquisa de cunho bibliográfico, pois buscamos compreender através de leituras o que os autores discutem sobre as práticas antirracistas e o seu papel na educação. Buscamos complementar a pesquisa através da investigação na prática do grupo de estudo Afritudes, onde buscamos aprofundar e exemplificar o que diz os autores através da vivência no contexto escolar.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

As matrizes culturais brasileiras, a cada dia que passa tem vivido momentos de enfrentamento para que sua, valorização e permanência histórica sejam reconhecidas e valorizadas. E na grande maioria das vezes, a herança ideológica implantada ao longo da história, enxerga o negro e a negra e tudo que eles carregam culturalmente como inferior, logo em nossos momentos de fala, sentimos cada vez mais a necessidade de termos e vivermos o combate ao racismo, encontrando meios e práticas antirracistas.

O grupo Afritudes representa para nós, negros e negras a oportunidade de socializarmos vivências pessoais e profissionais que possam vir a causar um fortalecimento e encorajamento para combatermos o racismo de cada dia, estruturado na sociedade. Em alinhamento com nossas falas, estão autores e livros que nos apresentam ainda mais evidências da extrema necessidade de diariamente combatermos práticas racistas. Djamila Ribeiro (2019, s/p) em seu livro “Pequeno Manual Antirracista”, nos diz que: “É impossível não ser racista tendo sido criado numa sociedade racista. É algo que está em nós e contra o que devemos lutar sempre.”

Por isso, a clássica frase de Ângela Davis que nos diz: “Numa sociedade racista, não basta não ser racista. É preciso ser antirracista”, nos impulsiona cada dia mais a lutar para que a educação e as oportunidades em nossas vidas negras sejam mais equânimes.

Antes de adentrarmos em autores e romances literários, nos debruçamos sobre nossas experiências pessoais e profissionais no âmbito educacional, onde tivemos a oportunidade de nos expor diante de pessoas que validariam e legitimariam nossas vivências. Conseguimos construir um espaço de fala, escuta e entendimento respeitosos

para que pudéssemos mergulhar em obras literárias que pudessem fortalecer o processo de desconstrução colonial explorador e etnocêntrico frente à vida e cultura do povo afrodescendente.

Iniciamos nossas leituras com um livro do autor Jéferson Tenório, intitulado de O AVESSE DA PELE, o ganhou o prêmio Jabuti de leitura na categoria Romance Literário, no ano de 2021 e posteriormente, sofreu censura em alguns estados do Brasil. Jéferson Tenório reapresenta um país marcado pelo racismo e por um sistema educacional falido, além de mostrar as relações familiares.

A escola é o um espaço de vivências de diversidades por se reunirem pessoas diferentes, então, não se pode, no século que vivemos continuar criando barreiras e discriminando a presença do negro e da negra, nesse ambiente. Não é permitido enxergar o negro como ameaça ou como inferior em meio a educação. Esta ignorância lamentavelmente é apoiada pelo etnocentrismo. Este entendimento coloca o branco e tudo que os carrega culturalmente como superiores aos demais povos, sobretudo ao povo negro, fortalecendo assim a possibilidade da perpetuação de uma espécie de “pacto de branquitude” como a autora Cida Bento (2022) intitula em um de seus livros.

Através da narrativa de Jeferson Tenório conseguimos enxergar e compreender o quanto as feridas do racismo no Brasil estão abertas nos direcionando para a complexidade da identidade, violência e a experiência negra no Brasil, nos apontando ainda mais para repensarmos em práticas antirracistas em nossas instituições, sejam elas casas, escolas, templos religiosos, se estendendo para nosso dia a dia, até mesmo em filas de bancos, precisamos combater o racismo de forma recreativa, destacando que racismo é CRIME e não brincadeira.

O livro destacou a importância da educação na desconstrução de preconceitos e na promoção de igualdade racial e social. Entendemos também que práticas que apontem a equidade são fundamentais para a mudança de pensamentos e práticas educacionais.

A violência policial também é um ponto a ser estudado, visto que o sistema carcerário brasileiro é composto em sua grande maioria pela população negra, mas, antes de qualquer prisão, em simples abordagens, se percebe a diferença entre pessoas negras e não negras. O livro de Tenório expõe a realidade das abordagens envolvendo pessoas pretas.

É fundamental destacar a importância de estudar autores e autoras negros e negras e sua literatura, visto que durante todo processo histórico, vimos a história dos povos negros contada pela perspectiva dos povos brancos e privilegiados, inclusive no direito

de narrar. Destaca-se que a luta também abarca e de certas forma, se mistura ao gênero e classe, pois, são marcadores sociais que também foram colocados à mesa da sociedade como padrão, logo ser homem branco, cristão e não nordestino, erroneamente é colocado como situação de não sofrer preconceito. A título de exemplo, ser mulher negra, nordestina, pertencente e religião de matriz afro, pode vir a causar, e causa um enorme enfrentamento de preconceito histórico e talvez não reparável a esta geração.

Além de livros, é preciso e urgente percorrer o caminho da arte e ver o que ela nos mostra através de sua representação. O filme Medida Provisória colabora também e tão bem para uma reflexão da situação da realidade passada e futura da “liberdade” do povo negro, nos direcionando a reflexão do que de fato é liberdade e de como devemos lutar para que ela seja aplicada.

Ademais, escrever e contracenar sobre seu próprio povo mostra uma maior aproximação da realidade. Cada cena nos proporciona a capacidade de refletir sobre as maneiras de se desenvolver práticas antirracistas e de como é importante e urgente a necessidade de excluir o que consideramos “recreativo” e de se entender desde muito cedo que nossa cor importa .

O Brasil foi o último país a abolir a escravidão. Esse fato histórico, aparentemente deixou profundas marcas na sociedade brasileira. Nesse mesmo contexto o conceito de abolir representa de forma prática.

O livro Memórias da Plantação, de Grada Kilomba, também utilizado no nosso grupo de estudos, nos convida a refletir profundamente sobre o racismo cotidiano e suas raízes históricas. A autora seguindo uma perspectiva psicanalítica pós-colonial, atenta como o passado colonial segue moldando experiências presentes nas mulheres negras. Kilomba vai além da análise social do racismo e explora suas implicações psicológicas, mostrando que a internalização deste, altera por gerações a autoestima de muitas pessoas, sobretudo, a mulher negra.

Em termos psicanalíticos, isso permite que os sentimentos positivos em relação a si mesma/o permaneçam intactos- branquitude como parte boa do ego – enquanto as manifestações da parte “má” são projetadas para o exterior e vista como objetos externos e “ruins”. No mundo conceitual branco, o sujeito negro é identificado como um objeto ruim, incorporando os aspectos que a sociedade branca tem reprimido e transformado em tabu, isto é, a agressividade e a sexualidade. (Kilomba, 2019, p. 37).

Kilomba, tece uma difícil e dolorosa rede de memórias, traumas e identidades que se estendem desde a época da escravidão até os dias atuais, nos fazendo refletir sobre a

colonização e seus efeitos ao longo do tempo, a construção da identidade e a perpetuação das desigualdades, onde a raça negra é a mais atingida.

Vale dizer que o racismo se manifesta diariamente, sutilmente, através de microagressões e estruturas sociais que perpetuam a discriminação. A escrita de Kilomba é marcada por grande sensibilidade e linguagem poética que direciona o leitor a uma espécie de imersão, com isto, percebemos as consequências terríveis advindas do racismo e o quanto o mesmo desde a colonização se entranhou na sociedade. Atualmente, podemos dizer que estamos enfrentando um processo delicado de desconstrução, a partir da construção muitas vezes “tardia” da identidade negra da maioria das pessoas que compõem o povo brasileiro. “Memórias da Plantação” nos faz imergir de forma profunda na reflexão da história do plantio da vida humana negra, criando em nós o estímulo de a cada dia mais buscar práticas antirracistas para serem realmente vividas em sociedade.

Esta leitura destacou-se entre outros fatos, pelo capítulo intitulado de A MÁSCARA, a forma cruel que este instrumento era usado em humanos, esclarece e comprova as torturas vividas pelo povo negro e muito pelas mulheres negras, negando a alimentação, a voz e firmando a prática de opressão, de silenciamento e invisibilidade que as pessoas negras enfrentaram, enfrentam e infelizmente, enfrentarão caso as práticas antirracistas não sejam efetivamente aplicadas.

Neste sentido, a máscara representa o colonialismo como um todo. Ela simboliza políticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento das/os chamadas/os “Outras/os”: Quem pode falar? O que acontece quando falamos? E sobre o que podemos falar? (Kilomba, 2019, p. 33).

Ademais, ao negar a capacidade de falar, as máscara desumanizava as pessoas escravizadas, representando a imagem de proibição da fala de pessoas negras, reforçando ainda a hierarquia racial e a supremacia branca. No entanto, a partir desses fatos históricos, hoje lutamos para que a descolonização ocorra a partir de práticas de decolonialismo.

A cada dia que passa se torna um desafio para que as práticas antirracistas se façam presentes em nossas vidas em todos os lugares que passarmos pessoalmente e profissionalmente para que as próximas gerações herdem ainda mais sementes e frutos de luta pela igualdade para que a realidade e vida das pessoas negras seja mais digna, equânime e que possam estar inseridos em muitos contextos sociais como pessoas que

também possam pertencer aqueles espaços que hoje, lamentavelmente e somente pertencem a um seleto grupo branco e elitizado.

Ao lermos Bell Hooks, em sua obra : O feminismo é para todo mundo, entendemos que o racismo estrutural além de ser devastador, consegue exaurir sua devastação quando se trata de mulheres negras que enfrentam por todos os lados os ataques a seus marcadores sociais numa sociedade racista e machista, por isso, uma das maiores feministas negras da atualidade, nos convida em seu livro a entender que o feminismo é para do mundo, não somente para mulheres, o entendimento sobre feminismo, causa impactos positivos em crianças, homens, mulheres e pessoas de todas as identidades e gêneros. Bell Hooks, (2020, p. 33) afirma que, “Sem ter homens como aliados na luta, o movimento feminista não vai progredir”.

Significativamente, a intervenção mais poderosa feita por grupos de conscientização foi a exigência de que todas as mulheres confrontassem o sexismo internalizado, sua fidelidade a pensamentos e ações patriarcais e seu comprometimento a conversão feminista. Essa intervenção ainda é necessária. Ainda é o passo necessário para qualquer pessoa que escolha políticas feminista. É necessário transformar o inimigo interno antes que possamos confrontar o inimigo externo. (Bell Hooks, 2020, p. 31).

A autora aborda a luta interseccional, mostrando como as opressões se cruzam e afetam diferentes grupos de forma única. Hooks ajuda a desconstruir mitos e preconceitos sobre o feminismo e suas implicações. Critica o patriarcado e de como ele abrange toda a sociedade, demonstrando que as relações de poder entre homens e mulheres é extremamente desigual e isso colabora ainda mais para a perpetuação da opressão e da violência.

Notável escrita para quem deseja conhecer a real sororidade, o feminismo negro, a relação entre feminismo e outros movimentos sociais. Uma obra fundamental para quem pretende compreender a essência do feminismo, diferenciá-lo do femismo e defender uma sociedade mais justa e igualitária par todos os gêneros.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste artigo refletimos sobre ações do grupo de estudos Afritudes e nossos debates acerca das obras estudadas ao longo dos meses entre março a agosto de 2024. Considerando o debate sobre raça e antirracismo na produção de conhecimento e nas

políticas públicas educacionais, bem como a experiência vivida pelos membros do grupo, o representatividade, respeito e equidade entre os pares.

Para tanto analisamos o grupo de estudos como locus privilegiado para o compartilhamento de saberes, produção de conhecimentos e construção de aprendizagens antirracistas afim de promover uma melhor orientação e atitudes contra o racismo que acontece diariamente nas escolas brasileiras e em outros espaços de convívio.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CIDA, Bento. Pacto da branquitude. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. 148p.

HOOKS, bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. 11º ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019

Ribeiro, Djamila. Pequeno Manual Antirracista. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

TENÓRIO, Jeferson. O Averso da Pele. 1ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2020.